

A bagagem da viajante

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Ádila, me veio a vontade de escrever sobre as malas. Acho justo você ser a primeira pessoa a ler esta carta, já que é uma arrumadora de malas profissional. Quantas malas você teve ao longo da vida? Onde guarda as lembranças?

Elas estão enquadradas? Você tem alguma sacola especial para guardar a lembrança do seu choro mais doído?

Temos tantas partidas. Temos tantas quase chegadas.

Parece-me que você, daqui a pouco, arrumará as malas. A bagagem da viajante são as memórias.

A palavra cuidadosa abre e tira as nossas memórias e as transforma em narrativas. Algumas doem. Muitas doem.

Palavra é gesto paliativo. Tocar as imagens escondidas. Colocá-las à luz, para tirar o mofo, é gesto de coragem.

Na cultura roceira, a mala não é necessariamente sinônimo de viagem. No maleiro do guarda-roupa, em meio à naftalina, ela guarda vestígios dos testemunhos sóbrios. Não são boquiabertas nem coloridas como as malas dos turistas.

Caladas, escondem evidências da memória familiar. São porões do inconsciente familiar.

Lá estão as fotos, a escritura, as cartas, a garantia do fogão e o revólver.

Vi meu avô ir até a mala pegar o revólver para matar um vizinho desaforado.

Vi meu pai abrir a mala para pegar os documentos do meu avô, para ser declarado morto.

Sanfonada enrugada, ela é uma velha banguela que engoliu as memórias, sendo engolida pelo tempo.

A mala está em Saramago. O velho português revira as remotas experiências infantis no campo: as peregrinações camponesas e as viagens beligerantes do seu papai. Leve, subiu ao pinheiro e lançou-se ao mundo.

Olhou com desejo de saber o que estava além das montanhas. A mala é o ponto inicial da trama de *Torto Arado*.

A narrativa abre a mala, e nela está o sudário e a lâmina.

O objeto encouraçado guarda os vestígios da narrativa esquecida.

Esquecer pode ser uma boa estratégia para não cair no excesso de bagagem.

Mágoa demais pode deixar a viagem entupida de cacarecos.

O Estrangeiro, de Camus, é a condição dos sujeitos que abandonaram as malas. Mersault é o desterrado, que vaga sem o peso da bagagem existencial. E as intermináveis fileiras de refugiados vagam sem direito a uma mísera mala de mão. Para essa gente, sobreviver é, sobretudo, deixar os objetos para trás. A peregrinação do silêncio sem o abraço de bem-vindo. Os imigrantes deportados, adormecidos e amarrotados, descem desenganados dos sonhos que levaram na valise. Prometem amor à pátria-mãe. Reclamam daquilo que ficou. O migrante está em permanente trânsito.

Não estará mais completo. Haverá, ao longo da sua vida, o duplo; o negativo; e o outro que não está presente.

São filhos do entrelugar ou de lugar nenhum. Essa fronteira imprecisa e vaga mostra-se espaço de transição, lugar de interpretações e campo aberto de intersecções.

Existem os ermitões da linguagem: escritores. Estes transeuntes, cheios de vícios e tiques de linguagem, são larápios de malas. Abrem-nas ao mundo. Vasculham intimidades. Escancaram as dores.

Os gestos de furto quase passam despercebidos. Dissimulados, estendem no varal da linguagem nossas camisas, cuecas e dores. Material têxtil, invisível aos nossos olhos, transformado em matéria de texto. Brincam de saltar a linha.

Colam aqui. Pulam lá. Saem sem convite pensado. Furam o muro da economia escriturística dos gêneros e estilos.

Lia o poema de Quintana, havia uma menina que se chamava Esperança. Apresentou-se a mim como Saudade.

Disse em voz baixa: "*É frágil, é triste e bela*". Caiu no meu texto. Cacoete que me acompanha, escrevo frases em que a saudade sai sem pedir licença. Pula na linha. Fica atrás da moita da vírgula.

Não há partida, não há chegada que restituirá o sentido de completude. Isso não nos interessa.

O mundo é visceral para estarmos situados em sólidos territórios.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.